

## ARTIGO

### **POLÍTICAS DE ALIANÇA:**

#### O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL E O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL (1981)

RHANIELLY PEREIRA DO NASCIMENTO PINTO

Doutorando em História Global do Programa de Pós-Graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do LEGH – Laboratório de Estudos de Gênero e História - UFSC. Pesquisador do ANÔMALOS – Pesquisas e estudos em gênero, classe e etnicidades/raça – UFCAT.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5442-5846>

JOANA MARIA PEDRO

Doutora em História Social/USP; Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC. Pesquisadora do LEGH - Laboratório de Estudos de Gênero e História/UFSC.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5690-4859>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise sobre as tentativas de formação de alianças entre o movimento homossexual e o movimento negro no final da década de 1970. A partir da análise do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) e do boletim *O Corpo*, vinculado ao primeiro grupo político homossexual organizado, denominado Somos, investigou-se quais foram as iniciativas de formação de alianças entre esses dois movimentos, as interseccionalidades, assim como os limites. Pretende-se compreender se foi possível ou não pensar a raça e a sexualidade como elementos constitutivos e inseparáveis em ambas as militâncias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento homossexual; Movimento negro; Alianças políticas; Jornal.

## **ALLIANCE POLICIES:**

### THE HOMOSEXUAL MOVEMENT AND THE BLACK MOVEMENT IN BRAZIL (1981)

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the attempts to form alliances between the homosexual movement and the black movement in the late 1970s. From the analysis of the newspaper *Lampião da Esquina* (1978-1981) and the bulletin *O Corpo*, linked to the first organized homosexual political group, called Somos, it was investigated what were the initiatives of formation of alliances between these two movements, the intersectionalities, as well as the limits. It is intended to understand whether or not it was possible to think of race and sexuality as constitutive and inseparable elements in both militancy.

**KEYWORDS:** Homosexual Movement; Black Movement; Political Alliances; Newspaper.

Recebido em: 09/02/2022

Aprovado em: 26/04/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v74p95-121>

Os ataques do movimento político antigênero<sup>1</sup> que atua em âmbito internacional têm sido uma reação aos ganhos que, nos últimos anos, as questões de gênero e sexualidade têm conquistado, alcançando cada vez mais visibilidade no espaço público. Essa ocupação é, sem sombra de dúvidas, fruto de uma participação política cada vez maior a partir das mobilizações dos movimentos feministas<sup>2</sup> e LGBTQIA+, sigla utilizada para designar o grupo de identidades de gênero e orientações sexuais fora do padrão hegemônico e, também, do movimento negro.<sup>3</sup> A ação política desses grupos tem conduzido um processo de intensa reivindicação por cidadania plena, ainda não completamente realizada, haja vista as estatísticas de mortes pelo feminicídio e por LGBTfobia e racismo, que continuam se mantendo em uma escala crescente, como nos informam os relatórios do Atlas de Violência Nacional e do Grupo Gay da Bahia (GASTALDI *et al.*, 2021).

Em relação às populações LGBTQIA+, os avanços pela cidadania plena têm sido observados com a expansão do debate público, mas também a partir de progressivas conquistas no campo do judiciário com a incorporação da LGBTfobia como crime e, também, com a aprovação do casamento homoafetivo. De acordo com Peter Drucker (2015) e Rosemary Hennessy (2000), as contradições instauradas entre a incorporação da cidadania LGBTQIA+ e as violências sofridas por essa comunidade são um reflexo de uma agenda política cada vez mais marcada pela presença do neoliberalismo.

Se no início dos anos 1980 os espaços de sociabilidade das dissidências de gênero e sexualidades eram frequentemente entendidos como lugares de significado ambivalente<sup>4</sup>, em termos do real vivido o neoliberalismo transformou tais espaços de sociabilidade em zonas de maior segurança para

---

<sup>1</sup> A esse respeito ver: Sônia Corrêa (2018), Richard Miskolci e Maximiliano Campana (2017).

<sup>2</sup> Em âmbito internacional, grupos de consciência iniciaram na segunda metade dos anos 1960 e grandes manifestações de rua foram realizadas na década de 1970 (MITCHELL, 1977). No Brasil, vivendo sob a ditadura militar desde 1964, os grupos de consciência começaram em 1972, e reuniões, encontros públicos e periódicos somente após 1975 (PEDRO, 2006).

<sup>3</sup> O Movimento Negro Unificado (MNU) foi criado em 1978 e representou um avanço na luta antirracista de décadas anteriores ao catalisar esforços culturais e artísticos em âmbito nacional e aproximar-se dos ideais apresentados de Malcom X e Martin Luther King, importantes líderes do movimento negro estadunidense. No Brasil, o MNU aproximou-se da organização de esquerda de orientação marxista, trotskista, Convergência Socialista, ampliando o debate da relação da política antirracista e anticapitalista. Ver: Amílcar Pereira (2010); Petrônio Domingues (2007).

<sup>4</sup> Essa ambivalência pode ser vista a partir dos dois significados políticos do chamado gueto homossexual: sociabilidade e afirmação de identidades e, também, espaço de repressão da ditadura contra a população LGBTQIA+. Ver: Edward MacRae (1983).

a comunidade, uma vez que uma desregulamentação moral<sup>5</sup> era experimentada no Brasil. É nesse mesmo contexto que uma agenda anti-LGBT se consolida no campo político nacional. Aqui a contradição implicada no neoliberalismo está em tornar as zonas de sociabilidade cada vez mais seguras a partir da comercialização e da criação de novos nichos de acumulação do capital, ao passo que os direitos civis são colocados em xeque por uma nova regulamentação moral. Isso significa que o tempo neoliberal produz a individualização das experiências de sociabilidade, apresentando possibilidades de uma vida livre, à medida que evidencia uma política de combate aos direitos conquistados em tempos anteriores pela comunidade LGBTQIA+.<sup>6</sup>

O paradoxo estabelecido pelas conquistas e pelas perdas dessa comunidade, seja a partir da violência física e individualizada, seja com o uso da violência política gerada através de projetos de lei que ferem o direito desses grupos, impele historiadoras e historiadores a voltarem seus olhos para o passado. Segundo Eric Hobsbawm (2013, p. 31), esses processos são do interesse da História porque procuram compreender os discursos que levaram à observação da “[...] frequência de certos clamores por restauração – em favor da antiga lei, da velha moralidade, da religião, de antigamente e assim por diante”. Clamores estes que vemos se redesenhar com o movimento político antigênero. Nesse sentido, é necessário voltar os olhos para o passado e compreender as dinâmicas que deram forma ao processo histórico que culminou na emergência do Movimento Homossexual Brasileiro, nas dificuldades enfrentadas e que reproduziam velhas moralidades, mas que encontraram, também, vontades de promover alianças com outros movimentos tão perseguidos e desqualificados, na época, como o LGBTQIA+.

Mergulhado em um contexto de abertura da ditadura civil-militar brasileira, o movimento surgiu com a expansão da cultura do desbunde e pelo processo de redemocratização. Movimentos culturais iniciados na década de 1960, como a Tropicália, o Teatro Oficina e os Dzi Croquettes, desafiaram as

---

<sup>5</sup> As legislações e a atuação policial tornaram-se menos repressivas à população LGBTQIA+ como um todo (SEARS, 2005), mesmo que a opressão atue de forma distinta para diferentes integrantes dessa comunidade.

<sup>6</sup> Para compreender a viabilidade do discurso neoliberal no cotidiano ver: David Harvey (2005).

noções de gênero a partir de um pensamento contestatório, fortemente marcado pelo maio francês de 1968.<sup>7</sup> O surgimento de grupos como o Somos — Grupo de Afirmação Homossexual, Facção Homossexual da Convergência Socialista, Outra Coisa e tantos outros marcaram o final dos anos 1970 e a primeira parte da década de 1980 a partir de um debate cada vez mais público e explícito sobre a homossexualidade no Brasil.

O grupo Somos, de São Paulo, foi o grupo com maior visibilidade dentro da historiografia sobre o movimento homossexual daquele período. Trabalhos como os de Edward MacRae (1990), João Silvério Trevisan (1986 [2018]) e James Green (2019) aguçaram os olhares sobre a organização, realizando análises que por vezes se distanciam. É importante compreender que esses três trabalhos são marcados por um caráter duplo, um interesse acadêmico altamente qualificado sobre as homossexualidades, ainda que seus recortes estivessem voltados para as masculinidades, e a relação dos pesquisadores com o grupo.

A Facção Homossexual da Convergência Socialista, o grupo Outra Coisa e o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) surgiram das cisões internas dentro do grupo paulista Somos. É interessante destacar que, nos últimos anos, alguns trabalhos sobre o GALF têm se destacado na tentativa de expandir as análises sobre o ativismo lésbico naquele período. Trabalhos como os de Bruna Emanuele Fernandes, Barbara Lissa e Rita Lages Rodrigues (2020), Patrícia Lessa (2008), Larissa Pinto Martins (2019) e Paula Silveira-Barbosa (2019) recuperaram parte da trajetória e das questões levantadas pelo grupo a partir da análise do periódico *ChanaComChana*, publicado entre 1981 e 1985.

Já os grupos Outra Coisa e Facção Homossexual da Convergência Socialista não tiveram suas trajetórias suficientemente exploradas. Ainda se sabe pouco sobre a sua participação política, suas ideias e propostas. A trajetória do Outra Coisa foi mencionada nos trabalhos de Luiz Augusto Passamani Borges, Lara Lucena Zacchi e Jair Zandoná (2019), Regina Facchini e Júlio Simões (2009). Já a Facção foi timidamente comentada nos trabalhos de Trevisan (1986 [2018]), Green (2000 [2019]) e Green *et al.* (2018).

---

<sup>7</sup> Ver: João Silvério Trevisan (2018), James Green (2019), Leon Kaminski (2019).

Marcando o cenário da imprensa alternativa, e seguindo um *modus operandi* cada vez mais comum entre os movimentos homossexuais do Ocidente, militantes de diferentes grupos articularam suas ideias e reivindicações a partir de pequenos periódicos. A imprensa alternativa corresponde aos inúmeros periódicos produzidos durante o regime ditatorial que divergiam com a chamada grande imprensa. Em sua grande maioria, eram publicados em condições precárias, através de uma articulação orgânica entre atuação política e divulgação de propostas de transformação do mundo. Esses jornais, boletins e revistas estiveram associados aos diferentes grupos de esquerda e outros movimentos políticos (KUCINSKY, 1991; TREVISAN, 2021).

Ao mesmo tempo estruturante e constituidor, o surgimento de um jornal com duas casas de produção marca e proporciona as condições materiais para o início de uma intensa disputa de identidades coletivas e individuais. O jornal *Lampião da Esquina* emergia como uma espécie de porta-voz dos debates sobre homossexualidade no país, ainda que não assumisse para si o lugar de representante do nascente Movimento Homossexual Brasileiro, tampouco o lugar de sujeito agente desse movimento. *Lampião* surgia no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1978 e, no limite, tornou-se um ponto de clivagem para os grupos da primeira onda<sup>8</sup> da militância homossexual.

As vozes dos Senhores Conselheiros e dos demais lampiônicos não eram as únicas naquele efervescente contexto. Os Senhores do Conselho eram aqueles que produziam o jornal e os lampiônicos eram aqueles que não apenas liam como também compartilhavam suas experiências no jornal a partir de cartas e reportagens. Entretanto, alcançavam e iluminavam algumas esquinas com mais força e amplitude. Os esforços desses jornalistas mobilizaram não só parte da comunidade presente nos espaços de sociabilidade homossexuais, mas também espaços outros a partir de uma política de alianças definida por uma *intelligentsia* homossexual.

Embora o conceito de *intelligentsia* tenha sido largamente utilizado por Jean-François Sirinelli (2003), utilizamos *intelligentsia* homossexual

---

<sup>8</sup> Regina Facchini (2011, p.13) costuma dividir “[...] a trajetória do movimento homossexual brasileiro em três ondas: uma primeira, que vai de 1978 a aproximadamente 1983; uma segunda, que vai de 1984 a 1992, e uma terceira, de 1992 aos dias de hoje.”

porque a presença dos Senhores Conselheiros “[...] revela não só a intenção de estabelecer determinado diálogo político na vida pública, como também influenciar as percepções sobre a homossexualidade dentro da própria comunidade homossexual” (PINTO, 2021, p. 69). Esse grupo de colaboradores e editores estabeleceram uma política da respeitabilidade que acabou diferenciando *Lampião* de seus antecessores na imprensa homossexual.

Essa política de respeitabilidade pode ser entendida não apenas a partir do contexto do movimento homossexual, mas também para outros movimentos em seus respectivos contextos de agência política. Nesse caso em específico, ao formar um Conselho Editorial com ativistas e profissionais livres em ascensão na cena carioca e paulista, o jornal *Lampião da Esquina* tornava-se um exemplo de mediação, que é o sinônimo mais adequado para o que estamos entendendo como respeitabilidade. Em termos concretos, a política de respeitabilidade é uma mediação entre um referencial, nesse caso, de um lado, a imprensa alternativa e de esquerda e, de outro, os boletins e pequenos jornais que antecederam<sup>9</sup> *Lampião da Esquina*.

Ao escreverem e publicarem esse jornal, os Senhores Conselheiros incorporavam a estética geral dos jornais da imprensa alternativa, incluindo elementos estéticos e linguísticos que provinham do gueto homossexual. Nesse sentido, o que esses jornalistas e editores estão fazendo é exatamente mediar a forma como apresentam a homossexualidade ao “grande público” na tentativa de reelaborar e renovar o imaginário sobre a homossexualidade no Brasil.

Nos últimos dez anos, a ascensão de uma historiografia das sexualidades e identidades de gênero não hegemônicas não só voltou seus olhos como também ampliou uma malha interpretativa sobre os significados e processos históricos em que esse jornal estava incluído. Desse modo, *Lampião da Esquina* não apenas goza de um espaço privilegiado na memória constituída a partir dessa historiografia, mas também têm a sua importância ratificada.

Algumas outras vozes, no entanto, necessitam de se tornar audíveis por essa historiografia. É nesse sentido que trazemos outro boletim para ampliar e pensar o que este tinha a dizer sobre a homossexualidade: *O Corpo*. Esse

---

<sup>9</sup> Ver: Jorge Caê Rodrigues (2010), Paulo Souto Maior e Ronaldo da Silva (2021).

periódico foi produzido pelo Grupo Somos, de São Paulo, em três números, entre 1981 e 1983. Mobilizar esses dois periódicos, *Lampião da Esquina* e *O Corpo*, é necessário para tensionar o diálogo sobre as diferentes formas de perceber a homossexualidade e incorporar uma forma política de ser homossexual.

### **LAMPIÃO DA ESQUINA, ALIANÇAS E AUSÊNCIAS**

Desde o lançamento de seu número piloto em abril de 1978, *Lampião da Esquina* apontava o seu desejo de ser um jornal que dialogasse sobre as sexualidades, mas também de “[...] ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados — dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo aos guetos e o sistema (disfarçado de párias)” (SENHORES..., 1978, p. 2). Embora tenha se tornado um ponto de encontro para os grupos do movimento homossexual, desenvolvendo ações como agente político dessa primeira onda, o jornal também ampliou os seus debates para as chamadas minorias sociais.

A esse respeito, João Lenon Pereira (2020), lembra que, embora o conceito de “minorias” possa ser encontrado no dicionário, o mais importante é verificar o que o próprio *Lampião* definiu: uma parte da população, no caso dos homossexuais que, por ser considerada não reprodutiva pela “mitologia hebraico-cristã”, deve ser entendida como minoria oprimida e, por isso, precisa de voz (PEREIRA, 2020). Os editores afirmam, ainda, que “[...] existe um grupo que sofre violência, seja ela explícita ou simbólica, e esse grupo, subentende-se, constitui-se enquanto minoria devido a uma opressão que é exercida pela maioria” (PEREIRA, 2020, p. 61) Nessa mesma palavra, minorias, o periódico incorporou outros personagens: negros, mulheres e indígenas.

Em seu lançamento, houve uma agitação nos espaços de sociabilidade homossexual em São Paulo. Com a reunião de intelectuais, artistas e jornalistas, o jornal emergia a partir de uma plataforma contestatória renovando os esforços históricos de uma “imprensa gay” que remete aos anos 1960. Uma matéria publicada no número seguinte, em maio de 1978, intitulada “Lampião na Paulicéia Desvairada”, demonstrava como tinha sido a recepção ao jornal.



A revista **Isto É**, que assumiu simpaticamente sua condição de “madrinha” do jornal (designou o repórter Milton Hatoum para cobertura jornalística), classificou o lançamento de LAMPIÃO em São Paulo de uma “maratona gay” cujas etapas “foram cumpridas com rigor (e fervor) religioso”. Não gostamos do fervor, e preferimos substituí-lo por humor, este que fez com que passássemos a chamar o repórter Hatoum, durante a “maratona”, de “o libanês infiltrado” ou “o representante da Organização da Libertação Palestina em nossa tropa de choque.”

De qualquer modo, fervorosos ou bem-humorados, cumprimos a nossa parte. Primeiro foi o coquetel na Livraria Cultura, na Avenida Paulista; depois, o jantar no restaurante **Circus** e, por último, as apresentações no Gay Club (frase de Cláudia Wonder, ao distribuidor LAMPIÃO com os presentes: “Chi acho que sou o [sic] o primeiro jornalista travesti da história). Isso sem falar na passagem por lugares afins: todos os bares do Largo do Arouche e mais as casas noturnas paulistas: **Dinossaurus, Homo Sapiens, Men's Country, Sombrassom** etc. Em todas elas deixamos nosso rastro — exemplares do jornal fartamente distribuídos. Só que agora acabou a festa e, quem quiser ler o jornal, terá de assinar (vide o cupom na página 15), ou comprar nas bancas de todo o País. (LAMPIÃO..., 1978, p. 9, grifos do autor).

Nessa nota, os jornalistas de *Lampião* deixam evidente as condições materiais nas quais o jornal ganhava vida. A sua edição de número zero saía apadrinhada pela revista *Isto É*, e essa é uma particularidade construída a partir das relações políticas de seu corpo editorial. Além disso, a fórmula de “longa vida”, quando se pensam os periódicos de vida alternativa, pode ser atribuída não só a sua política de aliança como também à permanência dos elementos característicos nos periódicos homossexuais que o antecederam.

Os Senhores Conselheiros foram parte fundamental do sucesso do jornal. A linguagem, a estrutura, as ligações pessoais e profissionais de seu corpo editorial, fizeram com que *Lampião* estresse marcando impacto entre os *entendidos*<sup>10</sup> de plantão. Nomes como Aguinaldo Silva, Antônio Chrisostomo, Cloves Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry foram fundamentais para que o jornal fosse publicado pela primeira vez.

---

<sup>10</sup> Essa expressão diz respeito à identidade e à forma de autodeterminação comum entre homossexuais de classe média nas décadas de 1960-1970. *Entendidos* não se reconheciam ou se apresentavam a partir de suas posições sexuais ativo e passivo, comum em período anterior. Pretendiam se contrapor aos estigmas criados em torno das bichas. Ver: Peter Fry (1982), Green (2019), Pinto (2021).

Todas essas ligações distanciavam-se, em alguma medida, das propostas, das condições materiais e dos personagens que povoaram pequenos jornais e boletins homossexuais na década anterior (RODRIGUES, 2018). Ao mesmo tempo que se diferenciava, *Lampião* mantinha alguns elementos fundamentais, característicos a partir da linguagem que se utilizava no gueto homossexual. O humor e as expressões utilizadas no jornal não apenas caracterizavam um ponto que atravessava a década dentro dos espaços de sociabilidade, chamados de guetos, como também acionavam o legado desses boletins.

Além de compor a imprensa alternativa, as alianças propostas pelo jornal se explicitavam a partir da articulação de *Lampião da Esquina* com outros grupos e ativismos emergentes naquele período. Desde o início, o periódico manifestava o seu desejo de não ser considerado apenas um “jornal homossexual”. Desse modo, *Lampião* fortalecia seus laços com os feminismos, a discussão racial e a pauta ecológica.

O título de “jornal homossexual” permaneceu na memória coletiva de seus atores e a partir da historiografia que o analisa, ainda que sejam, na maioria das vezes, ressaltados os projetos de aliança. Como essas propostas de alianças se articulavam? Parte delas são possíveis de serem observadas a partir das coberturas que *Lampião* realizava sobre as ações dos diferentes movimentos sociais.

Em várias edições foram publicados convites para que representantes de diferentes movimentos sociais publicassem suas pautas e reflexões no periódico. Os próprios editores fizeram cobertura de manifestações e de acontecimentos importantes para diversos movimentos. Neste artigo vamos priorizar a proposta de aliança com o movimento negro.

A aproximação entre *Lampião* e as questões levantadas pelo movimento negro ganharam grande visibilidade ao longo de suas edições, ainda que nem sempre essa aliança estivesse mergulhada em limites muito bem definidos pelos dois agentes. Nesse sentido, entendemos a aliança política a partir de Judith Butler, que defende que a:

[...] aliança não é apenas uma forma social futura; algumas vezes ela está latente ou, outras vezes, é efetivamente a estrutura da nossa formação subjetiva, como quando a aliança acontece dentro de um único sujeito, quando é possível dizer. “Eu mesmo sou uma aliança, ou eu me alinho

comigo mesmo e com as minhas várias vicissitudes culturais.” O que significa apenas que o “eu” em questão se recusa a tornar secundário um estatuto de minoria ou lugar de condição precária vivido em favor de qualquer outro; é uma maneira de dizer: “Eu sou a complexidade que sou, isso significa que me relaciono com os outros de maneiras essenciais para qualquer invocação desse ‘eu’.” (BUTLER, 2018, p. 77).

Embora a filósofa estadunidense esteja discutindo os processos de aproximação entre grupos políticos dentro da guerra ao neoliberalismo, é possível apanhar tal reflexão para efetuar uma análise sobre o entrelaçamento e as tensões produzidas a partir de *Lampião da Esquina* e *O Corpo* com outros movimentos sociais, especialmente com o movimento negro, ainda que se observem os limites históricos das possibilidades efetivas de alianças políticas. É possível verificar que a vontade de aliança, partindo de movimentos homossexuais na América Latina nesse mesmo contexto foi, de certo modo, um padrão. Ainda que seja a partir de tentativas de aproximação com as esquerdas, movimentos feministas e movimento negro, é possível dizer que o desejo de aliança a partir dos movimentos homossexuais existiu, ainda que nem sempre o resultado fosse positivo (SIMONETTO; ROMERO, 2019).

A partir de uma análise do *Lampião da Esquina*, é possível afirmar que o grupo que editava o periódico buscou estabelecer diferentes alianças, seja com outras organizações homossexuais, no Brasil e fora dele, seja com os feminismos, ou com a pauta ecológica ou com a esquerda de seu tempo. Muitas dessas aproximações ainda estão sendo analisadas, como foi o caso da dissertação de Daniel Henrique de Oliveira (2016), ao pesquisar a aproximação de *Lampião* com os feminismos, a dissertação de João Lenon Siqueira Pereira (2020), ao discutir a maneira como o *Lampião* buscou se aproximar de outras “minorias”, e também, a partir da dissertação de Thasio Fernandes Sobral (2019), que focaliza a participação dos movimentos homossexuais organizados no jornal.

Por outro lado, até o momento de escrita deste artigo, poucos trabalhos analisaram com mais profundidade e sob a perspectiva das alianças políticas as aproximações com o movimento negro. Recentemente, a monografia de Ellen Silva de Oliveira, intitulada *Homossexualidade e negritude em contexto ditatorial: uma análise de Djalma Alegrete e do Lampião da Esquina* (2020),

destinou parte de seus esforços a compreender as representações sobre os negros no jornal.

Tampouco foram encontrados trabalhos que investigassem o boletim *O Corpo*. Entende-se, assim, como nos lembra Carlos Henrique Leite (2015), que, ao analisar esses dois periódicos, não estamos realizando uma interpretação totalizante sobre como tais alianças se constituíam. Sabe-se o quão parciais são as publicações de um periódico, uma vez que, apesar de dizer-se porta-vozes da sociedade, costumam, na verdade, selecionar, omitir e veicular anseios de uma parte dela (LEITE, 2015).

Nesse sentido, deseja-se compreender as aproximações entre o movimento homossexual e o movimento negro, a partir de *Lampião da Esquina* e *O Corpo*, como uma possibilidade de refletir sobre conexões que estão presentes tanto do ponto de vista local, quando pensamos Brasil, como também regional, quando pensamos experiências outras que permitiram a aproximação entre esses dois movimentos, como foi o caso da articulação entre o partido Panteras Negras nos Estados Unidos e a Frente de Liberação Homossexual Argentina (INSAUSTI, 2019).

## **FORJANDO ALIANÇAS**

Em março de 1979, *Lampião da Esquina* publicou duas reportagens que nos permitem interpretar como o movimento homossexual e o movimento negro compartilharam de posições próximas, ainda que não iguais, em seu período de surgimento. Em “Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP” e em “Quem tem medo das ‘minorias’ são discutidos o que seriam os problemas fundamentais da esquerda naquele período.

Segundo o repórter Eduardo Dantas, do *Lampião da Esquina*, cerca de trezentas pessoas estiveram presentes em um evento que tinha por objetivo discutir a pertinência e os desafios das minorias sociais.

Apesar das contradições levantadas durante o debate — houve até gente dizendo que as bichas têm preconceito contra os esquerdistas, que também são uma maioria discriminada (sic) — a conclusão foi de que a marcha pela liberdade — social, racial, sexual — é uma só. Cada

grupo minoritário deverá unir-se, organizar-se com seus integrantes, lutando por uma democracia de fato do Brasil. (DANTAS, 1979, p. 9).

O trecho acima citado permite discorrer sobre a dinâmica das lutas maiores e das lutas menores em contexto de ditadura. As feministas, os homossexuais e os negros, ao se organizarem politicamente, defendiam que não apenas as discriminações sofridas precisavam ser combatidas, mas que também a transformação social passava por uma mudança estrutural a partir desses distintos eixos de opressão. De outro lado, grupos políticos de esquerda, marcados pela presença das vertentes do marxismo, defendiam que toda a mobilização política deveria voltar seus olhos para a luta contra ditadura e pela superação do capitalismo.

O paradigma da luta maior e da luta menor continua sendo disputado ainda hoje no espectro da política brasileira, e trabalhos como os de Maria da Glória Ghon (1997) e Sabrina Fernandes (2020) indicam como tais abordagens atravessaram o último século e continuam em disputa. João Silvério Trevisan, no *Lampião*, apontou que naquele encontro “[...] estavam eufóricos tanto os negros, bichas, lésbicas e feministas quanto os brancos heterossexuais sensíveis que compreenderam a importância histórica dessas discussões” (1979 p. 10).

Nesse sentido, havia um certo sentimento de proximidade partindo da ideia da “minoridade oprimida”, um comportamento que, por vezes, nos lembra as discussões levantadas por Angela Davis (2018) e Sherry Wolf (2021).<sup>11</sup> É nesse contexto que *Lampião* investe em uma política de aliança que não só incorpora textos que dialogam sobre a questão racial, como também uma tentativa, cada vez mais intensa, a partir do número 10, em estabelecer aliança com grupos do movimento negro. Um artigo sem autoria,<sup>12</sup> escrito em julho de 1979, com o título “E o negro, é ‘beautiful’?”, apontava os desafios para o movimento negro no Brasil, como também pontuava a ausência de diálogo

---

<sup>11</sup> Angela Davis, em *A liberdade é uma luta constante* (2018), apresenta uma discussão interseccional ao focalizar a população carcerária dos Estados Unidos. Sherry Wolf, por sua vez refuta o mito sexista e homofóbico da comunidade negra nos Estados Unidos ao focalizar a carta de Huey Newton aos “Irmãos e Irmãs Revolucionários Sobre os Movimentos de Libertação das mulheres e de Liberação de Gays”, além de outros documentos históricos.

<sup>12</sup> No n. 15, p. 10, foi informado que João Carlos Rodrigues foi quem escreveu o artigo.

das organizações do movimento dentro do jornal *Lampião* e conclamava as organizações para uma participação efetiva.

Em geral, quando uma minoria quer ser aceita pela maioria, termina adotando a moral vigente. Algo como “olhaí, nós também somos cidadãos respeitáveis” ... Talvez seja esse rancor obsoleto que até o momento tenha mantido os negros longe de *Lampião*, jornal aberto a todas as minorias. Alô Quilombo! Atenção Instituto de Pesquisas da Cultura Negra, Instituto Brasileiro de Estudos Africanos, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Movimento Negro Unificado — estamos aí! Que não se encolham por falta de convite. Sem chauvinismos. (E O NEGRO..., 1979, p. 8).

A nota chamava as organizações para o diálogo e ao mesmo tempo inferia a ideia de que a ausência deste se daria a partir da incorporação da política de respeitabilidade, traduzida na expressão “cidadãos respeitáveis”. Nesse contexto, a política da respeitabilidade pode ser traduzida a partir da compreensão do imaginário sobre as homossexualidades. Por um lado, para a ditadura militar e seus apoiadores, a homossexualidade constituía-se como uma constatação da degradação causada pela “ascensão comunista” no Brasil, ainda que essa concepção não seja uma exclusividade atribuída à 1964, o patrulhamento moral dos tempos ditatoriais reorientou formas de normalização do padrão “moral e bons costumes” (QUINALHA, 2018; COWAN, 2016). Por outro, para os opositores da ditadura, além de ser entendida como uma luta menor, a homossexualidade foi também denominada como um desvio pequeno-burguês (GREEN, 2018; DELMANTO, 2013).

A compreensão sobre as homossexualidades tem estado diretamente conectada com as definições de um sistema de juízo de valor, como nos alertou Gayle Rubin (2011) ao analisar a hierarquização das práticas e das identidades sexuais. Desqualificada por muito tempo, a positivação da homossexualidade só começou a acontecer, conforme já destacou Renan Quinalha (2020, p. 37), “[...] quando deixou de ser apenas uma prática sexual e passou a ser movimento social de contestação da ordem e de reivindicação de igualdade e direitos, colocou em questão as estruturas autoritárias e excludentes do regime.”

A política de respeitabilidade não apenas esteve presente no movimento homossexual como também produziu efeitos paradoxais. De um

lado, a criação da *intelligentsia* homossexual, de outro, um efeito crescente de normalização e hierarquização das próprias homossexualidades, definindo aquelas consideradas as mais aproximadas do feminino como menos respeitáveis (DRUCKER, 2015; PINTO, 2021; SOUTO MAIOR JÚNIOR; PEDRO, 2021). E, por outro lado, viabilizou essa política de alianças que pode ser evidenciada na entrevista com Abdias Nascimento, um dos líderes do Movimento Negro Unificado.

De acordo com o próprio *Lampião*, essa entrevista foi possível a partir da articulação “[...] por algumas pessoas do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra; eles decidiram procurar o LAMPIÃO, após ler o artigo ‘E o negro é ‘beautiful?’’, de João Carlos Rodrigues, publicado no nº 14 do jornal” (QUAL..., 1979, p. 10). Nos primeiros parágrafos informam que a entrevista havia sido realizada na casa de Geraldo de Mello Mourão,<sup>13</sup> com a participação de Adão Acosta,<sup>14</sup> Aguinaldo Silva,<sup>15</sup> João Carlos Rodrigues,<sup>16</sup> Jurema Marques<sup>17</sup> e Elisa Larkien Nascimento,<sup>18</sup>. Com o título de “Qual é o lugar dos negros do Brasil”, na entrevista, a equipe do *Lampião* articulou questões que podem indicar a busca de uma política de alianças.

Abdias foi questionado sobre a participação do movimento negro em alguns partidos políticos, sobre a cultura brasileira e a atuação do Movimento Negro Unificado. Dois trechos, em específico, dialogam sobre os limites e possibilidades da formação de alianças. No primeiro deles, Aguinaldo Silva questiona:

Qual é seria o papel da mulher neste movimento? Abdias — O papel que lhe cabe neste movimento é o que ela sempre exerceu em várias culturas africanas: o de protagonista. É bom lembrar quem em várias culturas africanas — não digo em todas — as mulheres tiveram um

---

<sup>13</sup> Foi um ensaísta e político brasileiro, tendo atuado em grupos de esquerda entre os anos 1930 e 1980. Foi deputado por Alagoas, teve seus direitos políticos cassados e foi preso após a publicação do Ato Institucional nº 5.

<sup>14</sup> O *Lampião da Esquina* o apresentava como “Jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, exercendo esporadicamente as funções de tradutor (inglês-português).” (SENHORES..., 1978, p. 2). Era, possivelmente, o único negro entre os Senhores Conselheiros, fundadores do periódico.

<sup>15</sup> Um dos principais nomes de *Lampião da Esquina*, o escritor e jornalista investigativo era responsável pela organização e produção do jornal no Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Colaborador do *Lampião da Esquina*, viveu por alguns anos em São Francisco, nos Estados Unidos. Autor dos livros *João do Rio*, uma biografia (1996) e *O negro brasileiro e o cinema* (1988).

<sup>17</sup> Foi vinculada ao Instituto de Pesquisa de Culturas Negras (IPCN).

<sup>18</sup> Pesquisadora nas áreas de Direito e Psicologia. Dirige atualmente o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Na época da entrevista era companheira de Abdias Nascimento.

papel proeminente; foi lá que existiram as primeiras rainhas. E aqui, eu vejo que há mulheres entre os cabeças desse movimento: elas estão tomando as decisões e fazendo as definições também. Para mim a mulher negra é o elemento revolucionário mais importante nesse país, porque é o que mais sofreu, o que mais foi oprimido, destituído, humilhado. (QUAL..., 1979, p. 12).

O posicionamento de Abdias certamente estava alinhado com os debates conduzidos por Beatriz Nascimento e Lélia Gonzales dentro do Movimento Negro Unificado. Recentemente, a obra dessas autoras tem ganhado cada vez mais visibilidade na academia brasileira, e em grande parte dos seus textos essas autoras indicam o papel fundamental da mulher negra. Lélia Gonzalez (2020) pontua parte desse debate no capítulo de livro intitulado “A Mulher Negra na Sociedade Brasileira”, no qual a ativista e intelectual demarca a mulher negra como um elemento constituidor do Brasil.<sup>19</sup>

O trecho citado anteriormente é importante porque nos possibilita perceber que Abdias Nascimento estava acompanhando o debate de suas colegas, feministas negras, sobre as questões que recortavam a raça e o gênero. E, voltando ao elemento “alianças”, é possível identificar que a fala de Abdias é apenas possível quando se toma o movimento social como um espaço de produção de conhecimento e de organização futura, e parte dessa interpretação está inclusa quando a aliança é tomada pela dinâmica de assembleia (BUTLER, 2018).

Para Butler (2018), a política de aliança se faz a partir de um espaço — físico e discursivo — denominado de assembleia. Essa formação teórica é construída a partir do enfrentamento de Butler ao que se torna visível ou não durante a participação política cunhada anteriormente na obra de Hannah Arendt (2016). A resposta de Abdias, nesse sentido, é construída a partir de uma experiência atravessada pela ação política das mulheres negras dentro

---

<sup>19</sup> Embora o texto de Gonzalez tenha sido difundido apenas em 2020, a apresentação de tal trabalho foi realizado no contexto de circulação de *Lampião da Esquina* e do processo de construção do Movimento Homossexual e do Movimento Negro Unificado. Isto é, em 1979 na Universidade da Califórnia. É possível compreender aqui que a formação e a capacidade de organização política deste movimento são perceptíveis em camadas distintas, apenas visíveis a partir de um olhar interseccional. Ainda que não cite tais colegas ativistas na entrevista com Abdias, é possível perceber que o pensamento feminista negro estava, de alguma forma, influenciando as ideias sobre a função social e a dinâmica das mulheres negras na sociedade como um todo e também dentro do próprio movimento negro. No fim das contas isso significa que este pensamento feminista disputava espaço com outras lentes de interpretação sobre as questões raciais dentro daquele movimento.



do movimento, a partir de uma ação interseccional. Isto é, uma ação que cruza a opressão de gênero, classe e raça antes da formulação teórica da categoria interseccionalidade.

Como Carla Akotirene (2019) defende, a ação interseccional é parte constituinte do fazer político das mulheres negras, sendo determinado pela posição histórica na qual as mulheres negras estão situadas na história do Brasil. Desse modo, a pontuação de Abdias Nascimento é fruto de um pensamento em marcha que aos poucos descortina e transforma os modos de conscientização dentro do movimento negro.

Embora a relação entre *Lampião da Esquina* e movimento feminista tenham suas contradições, como nos apresenta Daniel Henrique Silva (2016), é possível dizer que a questão de Aguinaldo Silva é fruto dessas aproximações. Logo em seguida, Adão Acosta levanta, finalmente, a questão da homossexualidade:

Veio uma notícia dos Estados Unidos sobre as dificuldades do movimento negro, eles seriam rejeitados, inclusive porque os negros se preocupam demais com a preservação da raça, o homossexual sexualmente é “improdutivo”, é verdade?

Abdias — Eu não vejo isso como uma atitude geral, nem específica. Existem organizações que condenam o homossexualismo, mas há outras que estão abertas aos homossexuais.

Elisa — Não tem sentido isso. É claro que sempre há discussões que envolvem os dois lados principalmente sobre a forma de participação dos homossexuais: se no movimento negro ou no movimento guei. Mas não faz sentido restringir.

Abdias — Vejam o caso de James Baldwin (n.r.l escritor, negro e homossexual norte-americano) antigamente havia muita reserva quanto a participação dele no movimento negro. Mas hoje em dia isso acabou.

João Carlos — Você acha que os grupos de mulheres, negros, homossexuais e índios, as chamadas “minorias” devem agir juntos?

Abdias — Claro! As vezes os objetivos não coincidem. Mas no geral, no sentido da repressão, sim. E então o ideal é o que trabalhem juntos contra ela. (QUAL..., 1979, p. 12).

As respostas de Abdias e Elisa se encaminharam para a compreensão de que as alianças são possíveis. Além disso, são reconhecidas as suas particularidades e os seus limites, e é interessante, ainda, a ideia da mobilização das minorias. Essa narrativa volta a um dos trechos já discutidos neste texto: a ideia da solidariedade entre os grupos e do reconhecimento de que esses estão marcados por formas de exclusão que por vezes se conectam.

Porém, os limites parecem estar bem demarcados no trecho citado. Embora seja levantada a experiência de Baldwin, não fica tão evidente que homossexuais negros devem ou não participar do movimento negro. Essa é uma problemática que acaba atingindo não apenas a postura de Abdias como também o próprio *Lampião da Esquina*. Onde se encaixam a subjetividade, a ação política e a experiência de homossexuais negros?

Ao dedicar parte de sua monografia a identificar as representações de negros em *Lampião da Esquina*, Ellen Silva de Oliveira (2020) levanta alguns textos, inclusive parte daqueles que já citamos aqui, em que negros e negras são identificadas no jornal. Em grande medida, em seu texto, Oliveira (2020, p. 34) defende que: “O emergente movimento LGBT não soube dialogar com movimentos negros, e isso não se distancia dos movimentos LGBT contemporâneos”.

Essa posição talvez seja precipitada se quisermos pensar a dinâmica dialógica entre esses dois movimentos, e o trecho de Abdias acima apresenta parte do diálogo e dos tensionamentos. As subjetividades negras em *Lampião da Esquina* são apresentadas a partir da aproximação de *Lampião* com nomes como Leci Brandão e Zezé Motta. Definir as aproximações e os limites dessa aliança é diferente daquilo que se considera a atuação e a militância por parte de homossexuais negros. Essa tensão fica ainda mais evidente com o fim da entrevista quando:

(Entram Henrique Cristóvão, filho de Abdias, e Eliane Guerreiro, filha de Guerreiro Ramos. A entrevista está terminando. Eliane declara-se profundamente chocada ao saber que um grupo ‘hom... homossex...’ está ali entrevistando Abdias. O pessoal do LAMPIÃO atira-se sobre ela como um bando de panteras)

Francisco — Diga a palavra; por que você não pronuncia: não consegue?

Eliane — Eu acho que não tem nada a ver. Vocês não são discriminados como os negros, por exemplo.

Aguinaldo — O problema, meu bem, é que a discriminação contra nós é bem mais sutil. Ela se revela, por exemplo, quando pessoas como você, não conseguem sequer pronunciar a palavra que, ao mesmo tempo, nos designa e nos estigmatiza.

(Mal-estar geral. Todo mundo olhando para Eliane, que fica se sentindo agente do preconceito, infiltrada em nossa reunião libertária. É Henrique Cristóvão, seu marido, quem a tira dessa situação chatíssima)

Henrique — Pois olha, eu acho que a atuação de vocês, neste jornal, é a mais guerrilheira de todas; porque vocês ao mesmo tempo em que atuam como parte da minoria homossexual, são igualmente membros de outros grupos – mulheres, negros etc. – Junto aos quais funcionam como uma espécie de ponte para uma luta comum.

Sorrisos felizes de todo o Grupo Lampião. E fim de papo. (QUAL..., 1979, p. 12).

Embora Eliane Guerreiro tenha uma visão que evidencia o distanciamento entre homossexuais e negros, Henrique acaba reconhecendo um elemento que escapa de grande parte do próprio diálogo levantado dentro do movimento homossexual como um todo. Mais uma vez, os limites da aliança são tensionados. E, em grande medida, a posição que Henrique levanta é aquela que culmina na breve experiência do grupo de Homossexuais Negros dentro do Somos.

Talvez parte da compreensão de Eliane esteja presente também nas disputas internas do movimento negro daquele período. Essa seria uma forma de compreender o porquê de na edição número 17, em outubro de 1979 a cobrança pela aproximação entre o movimento negro e o *Lampião* fosse mantida. Em “Movimentos negros”, João Carlos Rodrigues (1979, p. 2) defende que, apesar “[...] da ideia ter sido de *Lampião* (vide nº14), foi mesmo no *Pasquim* que os representantes das entidades negras pintaram para discutir os seus problemas”.

É interessante destacar que o *Pasquim*, além de ser considerado um dos mais importantes jornais da imprensa alternativa durante a ditadura, era também reprodutor de uma mentalidade punitivista e satírica contra homossexuais e mulheres. Não raro era possível observar no *Lampião* cartas públicas, feitas pelos editores, ao *Pasquim*, criticando a sua forma de escrever e fazer crítica política.

Entrava em cena novamente a política da respeitabilidade que parece estar bem delimitada na fala de Eliane Guerreiro. Porém, algo que escapa das mãos de *Lampião da Esquina*, mas aparece em *O Corpo*, demonstra parte da posição de Henrique e extrapola a noção de aliança entre esses movimentos:

ESTAMOS AQUI REUNINDO CORAGEM, UNINDO NOSSA RAÇA À SEXUALIDADE.

Nossa atitude é no sentido de um posicionamento aberto e humano que esclareça a todos os setores de nossa existência. Neste momento em que toda a sociedade brasileira passa por uma fase transitória em que negros, mulheres, índios e homossexuais lutam e exigem o espaço que lhes é de direito, vimo-nos impelidos pela necessidade de nos posicionarmos e trazermos à luz a carga do preconceito a que estamos expostos diariamente em todos os setores da sociedade: denunciemos

as discriminações e arbitrariedades a nós impetradas pelo fato de como negros assumirmos nossa conduta homossexual. (GRUPO..., 1980, p. 10).

Esse trecho vem incorporado na edição experimental do boletim *O Corpo* do Grupo Somos publicado em novembro de 1980. Com o título “Falamos os Negros”, a nota serve como uma pequena carta de apresentação. Assinavam com o nome de Grupo de Negros Homossexuais e abaixo vinha assinalado que se tratava de: “[...] Documento enviado ao jornal *O Corpo* pelos negros homossexuais. Esse documento está sendo distribuído pelo Grupo. Para entrar em contato com eles escreva para a Caixa Postal 22.195. São Paulo – SP” (GRUPO..., 1980 p. 10).

De acordo com Edward MacRae (1990, p.145), “[...] o problema do racismo foi raramente discutido, dentro do Somos, até meados de 1980, quando alguns de seus integrantes negros tentaram formar o Grupo dos Negros Homossexuais, visando atuar dentro dos dois movimentos”. Muito pouco se sabe sobre o processo de formação desse grupo. Parte daquilo que se conhece advém da etnografia de MacRae (1990, p. 273), a qual informa que “atuando sob o nome de Grupo de Negros Homossexuais (GNH), esses quatro rapazes participaram também do Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu) realizado em novembro de 1980 em São Carlos”.

Ao que tudo indica, a atuação desse grupo durou pouco tempo, e influenciou na formação do grupo Adê-Dudu, analisado por Oliveira (2020) e mencionado por MacRae. Em toda a nota é destacada a ideia da dupla militância,<sup>20</sup> de estar ao mesmo tempo entre o grupo dos homossexuais e o grupo do movimento negro. Certamente, a ação política desse grupo abria precedentes para a crítica e a incorporação de uma aliança política que visibilizava e autorizava a existência política desses sujeitos.

Exigimos uma reavaliação de valores e posicionamentos em relação às nossas questões.

Sabemos que as pressões vindas de todos os lados fazem com que o negro dificilmente tenha estrutura psicológica para encarar sua verdade homossexual e passa a renegá-la em função de todo o conjunto. Frente a isso não podemos nos omitir, reprimindo algo tão forte quanto nosso sangue negro, nossa homossexualidade.

---

<sup>20</sup> A dupla militância nem sempre representou possibilidades de aliança. Foi, também, pensada como divisionismo.

Não podemos permitir que a polícia continue sua violência e arbitrária jornada deflagrada contra nós!  
Pela discussão da questão do homossexual negro, sem cargas latentes de preconceitos em todos os setores da comunidade.  
Abaixo todos os preconceitos sociais, raciais e sexuais.  
Contra a discriminação do homossexual em todos os setores da sociedade. (GRUPO..., 1980, p. 10).

Embora exista pouco registro sobre a atuação desse grupo, algumas dessas articulações são interessantes para trazeremos novamente o elemento interseccionalidade. Ao expor a existência de uma tripla estrutura de opressão, essa pequena nota traz dois pontos que se cruzam e constituem a realidade dos negros homossexuais.

A violência em suas diferentes formas é entrelaçada com a impossibilidade de a homossexualidade ser pensada como um elemento positivo, e o fato de a raça ser elemento também estrutural na produção hierárquica e desigual dos sujeitos no país. O que em poucas linhas é amarrado por esses militantes está no diálogo e na aliança entre os dois grupos, mas também a partir da dependência de dois elementos de opressão que constituem a realidade prática em que estão inseridos.

Ao pontuarem brados contra preconceitos eles se levantam, ao mesmo tempo, contra uma dada política de respeitabilidade construída dentro do movimento negro. Isso só é possível de ser compreendido se entendermos essa narrativa como fruto de uma política emancipatória que reconhece as diferenças e a integralidade dos sujeitos, como defendeu Patrícia Hill Collins (2017) ao refletir sobre o desenvolvimento da interseccionalidade. Essa categoria é não somente uma crítica teórica como também parte de uma práxis que advém de um movimento dialógico entre experiência/agência, reflexão/produção intelectual (COLLINS, 2017).

## **AMARRANDO ALGUNS PONTOS**

Ao longo do texto apresentamos tensionamentos e projetos de aliança entre o movimento homossexual e o movimento negro a partir do *Lampião da Esquina* e de *O Corpo*, periódicos que estavam associados à primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro. Parte das tramas aqui apresentadas

são frutos de um tensionamento produzido por aquilo que esses jornais nos permitiram ler, daí os seus limites para pensar como o movimento negro pensava as questões relacionadas à política de alianças com homossexuais.

A proposta de formação dessas alianças políticas é produzida não apenas a partir daquilo que é dito nos jornais, como também por uma série de processos e experiências que nos escapam pela tipologia e pela pouca produção que pensa o diálogo dessa militância do final dos anos 1970. Desse modo, o que é possível definir é que a política de alianças é delimitada a partir de uma política de respeitabilidade que é ao mesmo tempo construída dentro do movimento homossexual e do movimento negro com objetivos próximos, mas com um processo de significação diferente.

Fica evidente que o que conecta esses dois movimentos é um processo estrutural de estratificação e violência que atravessa os grupos políticos e os sujeitos que os compõem. Por um lado, a discussão sobre a democracia racial e, por outro, a construção da negatividade da homossexualidade construíram posições que são diferentes, mas que se interconectam a partir de um *modus operandi* próprio da ditadura militar no Brasil.

Por último, dentro dessas alianças e para além delas constituiu-se um movimento — ainda que incipiente — de negros homossexuais que até então foi pouco explorado pela historiografia, seja pelos poucos registros, seja pelos temas elegidos como pertinentes e centrais aos debates sobre o *Lampião da Esquina*, o Somos e o movimento homossexual como um todo. A iniciativa do Grupo dos Negros Homossexuais deve ganhar maior atenção em um momento em que as alianças políticas são novamente urgentes, assim como em um período histórico que a interseccionalidade e os feminismos negros nos chamam a atenção às experiências que foram invisibilizadas.

O saldo final é de que certamente a experiência política desses homossexuais negros não ganhou evidência nas páginas do *Lampião da Esquina*; além disso, aparentemente, também não ganhou visibilidade dentro do movimento negro. Convém lembrar que atualmente esse movimento vem tornando visível um conjunto de ferramentas políticas e teóricas capazes de aproximar novamente a relação entre teoria e prática política. No final dos anos setenta as propostas de alianças existiram e os seus limites estavam expostos. Porém, para além dessa relação, o movimento dos negros homossexuais apresentava propostas de práticas políticas que contrariavam

a ideia de que o movimento negro e o movimento homossexual devessem se portar sempre como entidades distintas.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. [13. ed. rev.].

BORGES, L. A. P. *et al.*. “Queremos ser o que somos”: o movimento homossexual no Brasil (1964-1985). In: WOLFF, C. S.; ZANDONÁ, J.; MELLO, S. C. (Org.). **Mulheres de luta: feminismos e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Curitiba: Appris, 2019. pp. 209-232.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, 2017. pp. 6-17. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 26/01/2022.

CORRÊA, S. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, e185301, 2018.

COWAN, B. **Securing sex: morality and repression in the making of Cold War Brazil**. Chape Hill: University of North Carolina, 2016.

DANTAS, E. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 10, 1979, p. 9.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DELMANTO, J. **Camaradas caretas e esquerda no Brasil após 1961**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, 2007. pp. 102-123. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?lang=pt>. Acesso: 02/01/2022.

DRUCKER, P. **Warped: gay normality and queer anti-capitalism**. Leiden: Brill, 2015.

E O NEGRO, é “beautiful”? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 14, 1979. p. 8.

FACCHINI, R. Histórico da luta de LGBT no Brasil. Conselho Regional de Psicologia da 6a. Região (Org.). **Psicologia e diversidade sexual**. São Paulo: CRPSP, 2011. (Caderno Temático, 11), pp. 10-19.

FERNANDES, B. E. *et al.* Boletim ChanaComChana e a transformação do silêncio em linguagem e em ação: ativismo lésbico-feminista na imprensa independente brasileira. **Signo**, v. 45, n. 84, 2020. pp. 73-89. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15500>. Acesso: 26/01/2022.

FERNANDES, S. **Se quiser mudar o mundo**: um guia político para quem se importa. São Paulo: Planeta, 2020.

FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1982.

GASTALDI, A. B. F. *et al.* **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política, 2021. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>. Acesso: 26/01/2022.

GHON, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. pp. 43-57.

GREEN, J. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina do Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREEN, J. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina do Brasil do século XX. 2ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GREEN, J. *et al.* (Org). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

GRUPO de Homossexuais Negros. Falam os negros. **O Corpo**, São Paulo, n. 0, 1980. p. 10.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

HENNESSY, R. **Profit and pleasure**: sexual identities in late capitalism. Londres: Routledge, 2000.

HOBSBAWM, E. **Sobre História**. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2013.

INSAUSTI, S. J. Uma história da Frente de Libertação Homossexual e a esquerda na Argentina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. pp. 1-17. Disponível em:



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254280>. Acesso: 26/01/2022.

KAMINSKI, L. **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV, 2019.

KUCINSKY, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 1991.

LAMPIÃO na Paulicéia Desvairada. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 1, 1978. p. 9.

LEITE, C. H. F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, Palmas, v. 7, n. 1, 2015. pp. 3-17. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>. Acesso: 26/01/2022.

LESSA, P. Visibilidade e ação lesbiana na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e do Boletim ChanaComChana. **Revista Gênero**, v. 8, n. 2, 2008. pp. 301-333. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30925>. Acesso: 26/01/2022.

MACRAE, E. Em defesa do gueto. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 2, n. 1, 1983. pp. 53-60.

MACRAE, E. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil de abertura. Campinas: UNICAMP, 1990.

MARTINS, L. P. Quebrando o tabu: visibilidade lésbica através dos boletins ChanaComChana. **RELACult**, v. 5, n. 4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1113>. Acesso: 26/01/2022.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, set./dez. 2017. pp. 725-744.

MITCHELL, J. **La condición de la mujer**. Barcelona: Anagrama, 1977.

OLIVEIRA, D. H. de. **Lampião da Esquina: lutas feministas nas páginas do "Jornal Gay", luzes em tempos sombrios (BRASIL, 1978-1981)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

OLIVEIRA, E. S. **Homossexualidade e negritude em contexto ditatorial**: uma análise de Djalma do Alegrete e do Lampião da Esquina. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Abi - História) - Universidade de Brasília, 2020.

PEDRO, J. M. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, v. 26, 2006. pp. 249-272.

PEREIRA, A. A. **“O mundo negro”**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PEREIRA, J. L. S. **Somos todos minorias**: mulheres, negros e indígenas nas páginas de *Lampião da Esquina* (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PINTO, R. P. do N. **Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativa nos trópicos**: um estudo sobre o jornal *Somos* (1973-1976) e o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, UFG, Goiânia, 2021.

QUAL é o lugar dos negros no Brasil? Abdias Nascimento responde. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 15, 1979. pp. 10-13.

QUINALHA, R. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário. In: QUINALHA, R. (Org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCAR, 2018. pp. 15-38.

RODRIGUES, J. C. Movimentos Negros. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 17, 1979, p. 2.

RODRIGUES, J. C. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Rio de Janeiro: Eduff, 2010.

RODRIGUES, J. C. Um *Lampião* iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (Org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCAR, 2018. pp. 83-124.

RUBIN, G. **Deviations**: a Gayle Rubin reader. Durham: Duke University Press, 2011.

SEARS, A. Queer anti-capitalism: what's left of lesbian and Gay Liberation? **Science & Society**, v. 69, n. 1, 2005. pp. 92-112.

SENHORES Conselheiros. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 0, 1978. p. 2.

SILVA, D. H. de O. **Lampião da Esquina**: lutas feministas nas páginas do “jornal gay”, luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História-UFU, Uberlândia, 2016.

SILVEIRA-BARBOSA, P. Trajetória da imprensa lésbica brasileira, uma história possível. **Aedos**, v. 11, n. 24, 2019. pp. 142-163 Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/articlo/view/93003>. Acesso: 26/01/2022.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMONETTO, P.; ROMERO, F. C. C. Sexualidades radicadas: los Movimientos de Liberación Homossexual en América Latina (1967-1989). **Izquierdas**, Colômbia, n. 46, 2019. pp. 65-85.

SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: REMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003. pp. 231-270.

SOBRAL, T. F. **Movimentos homossexuais no jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História-UFBA, Salvador, 2019.

SOUTO MAIOR, P.; DA SILVA, R. **Páginas de transgressão**: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O sexo da Palavra, 2021.

SOUTO MAIOR JÚNIOR, P.; PEDRO, J. M. "Há possibilidade de eu me transformar em homossexual": a esfera privada da interpelação homossexual no Brasil. In: SOUTO MAIOR, P.; SILVA, F. R. (Org.). **Páginas de transgressão**: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021. pp. 320-352.

TREVISAN, F. "Contra a moral e os bons costumes": o jornal Lâmpião da Esquina, os homossexuais e a direita política. In: MAIOR, P. S.; SILVA, F. R. (Org.). **Páginas de transgressão**: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021. pp. 213-240.

TREVISAN, J. S. Quem tem medo das "minorias"? **Lâmpião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 10, 1979. p. 10.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOLF, S. **Sexualidade e Socialismo**: história, política e teoria da libertação LGBT. São Paulo: Autonomia, 2021.